



O CAÇADOR DE UMA FLECHA SÓ: UMA INTERVENÇÃO PARA DIETMAR KAMPER

Cleide Riva Campelo¹

Resumo

A partir dos relatos de Dietmar Kamper sobre a impressão de uma imagem religiosa sobre ele, ainda menino, ao lado da avó em sua cidade natal, saímos em busca dos vestígios do corpo desta deusa (o corpo do mito) e a confrontamos com sua imagem no espelho, que devolveu seu contrário (o mito do corpo). Numa abordagem kamperiana, tecemos uma reflexão sobre o corpo biossocial e o corpo virtual até chegarmos às possibilidades sonhadas pelas duas realidades do corpo contemporâneo. E a partir desses sonhos, relatamos os sonhos dos sonhos de nosso trabalho de campo.

Palavras-chave: Corpo Biossocial. Corpo Virtual. Dietmar Kamper. Os Sonhos do Corpo. Artes do Corpo.

O Corpo Do Mito

Agora que a negra Kali já uniu o menino pequeno à sua avó alemã e ele aprendeu, no corpo, que aquela deusa não dá nada mesmo para a gente, só leva nossos ossos e nosso sangue (como a avó já havia avisado o menino, quando os dois visitaram a capela em sua pequena cidade natal²), só nos resta religar os pontos desta travessia por entre os tempos e, então, reconfigurar na tela de carne e osso, pele da memória, a presença de Dietmar Kamper entre nós, louvando as transformações alquímicas que ele ainda hoje traz para as nossas reflexões.

O menino de mãos dadas com sua avó viu Kali, a deusa negra; a mesma que aparece em outras imagens antigas com um colar longo de crânios pendurado no pescoço, envolta em

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica, PUCSP; diretora do grupo Tutu-Marambá, Pesquisas das Artes do Corpo (www.tutumaramba.com.br) E-mail: cleidecampelo@globocom

² Segundo relato feito por Dietmar Kamper de suas memórias, gravado pela autora, durante entrevista realizada pela autora, com participação e tradução para o Inglês de Dra. Birke Mersmann; em São Paulo, 11 de Setembro de 1997, PUCSP; em evento promovido pelo CISC.

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

serpentes, um pote coletor de sangue nas mãos, parceira de Shiva, ele mesmo mantido sob seus pés, Shiva-cadáver de pênis ereto, cadáver íntegro em suas possibilidades de força vital.

Repleta de camadas de significados, os iniciados percebem logo que se trata de uma deusa para ser apenas reverenciada, nunca entendida, como revelam as palavras do poeta do século 18, Ramprasad (um devoto apaixonado que dedicou toda sua vida ao culto de Kali), para quem tentar conhecer a deusa Kali seria tão improvável como tentar nadar num oceano sem praias, ainda que, mesmo sabendo dessa impossibilidade, todos façam, em relação a Kali, o mesmo gesto de um menino (guardado intocado dentro da gente), que sempre teima em levantar as mãos para os céus, arriscando, inutilmente, tocar a lua.³

Kali é o preto, a negritude, o azul-escuro das noites; e é o feminino de kala, que em sânscrito significa o tempo, um ponto certo ou fixo do tempo, ou ainda um espaço do tempo. Que sabedoria dos antigos em selecionar essa imagem poderosa que nos aterroriza e, portanto, nos guarda e protege de qualquer susto presente ou futuro. Está tudo ali, naquela imagem: o tempo que nos corrói; nossa potência vital, que jamais será amansada pela morte; nosso sangue guardado na cuia da deusa, a nos lembrar que o sangue em nossas veias corre como as areias na ampulheta; a memória de nossa cultura humana nos incontáveis crânios enfileirados, como pedras preciosas marcando nossa finitude e a transformação alquímica que vida e morte nos proporcionam; a saia feita de braços ornamentados, que lembram as saias de penas dos indígenas, e, ainda lembram os amuletos africanos em forma de figa; a foice da ceifadora implacável, a “indesejável das gentes”⁴; as serpentes enroladas nas pernas; o tridente poderoso; a cabeça decapitada, ainda quase com vida, em uma de suas muitas mãos; sua língua encarnada e espichada para fora, língua estendida, causa medo e desconforto: em um dos relatos míticos, sua língua alongada para fora é uma arma para recolher o sangue de Rakta-bija, um demônio assustador que é duplicado em cada gota de seu sangue que cai no chão – assim, a língua de Kali está ali pronta a recolher cada gota, evitando que os infinitos clones do demônio se espalhem. Também não se pode evitar de pensar no caráter erótico e fálico da língua da deusa, de qualquer modo um prato cheio ante nosso canibalismo

³ “When anyone attempts to know Her, the singer of this song laughs. Can you swim across a shoreless ocean? Yet the child in me still reaches out to touch the moon.” Ramprasad (Hixon, 1997)

⁴ “Quando a indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo. Talvez sorria, ou diga: - Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer. (A noite com seus sortilégios). Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar.” (Bandeira, 1967:360).



semiótico, já a lambar os beijos pensando nas relações entre o sangue e a clonagem imagética e demoníaca de nosso cotidiano.

Teria sido a curiosidade que a deusa multifacetada lançou no menino, que o fez, anos depois, visitar a Índia por duas vezes? Quantas sementes foram lançadas sobre o menino por aquela imagem grávida de possibilidades e de ambiguidades, vindas de uma deusa a quem nada se pede e de quem já se sabe soberana de nossos destinos? E foram sementes dessas mesmas sementes que chegaram até nós, no Brasil, atravessando o oceano, cruzando os ares: elas vieram nos bolsos e na memória de Dietmar Kamper, em suas sete visitas por aqui. E por aqui frutificaram e nos deixaram impregnados para sempre.

E, a cada dia, precisamos retomar nosso trabalho de colheita e de replantio dessas ideias-sementes que recebemos como um legado amoroso. Assim como os filhos, os mestres também nos alocam para sempre.

Hoje aqui somos, todos, aquele menino imaginário do poeta, levantando nossas mãos no desejo de tocar Dietmar Kamper, a estrela lá no alto, brilhando muito, e, paradoxalmente, ainda aqui tão perto, dentro da gente. E porque somos feitos dos mesmos sonhos que sonhamos um dia com ele, podemos continuar nosso caminho de criação por entre fissuras, por precipícios, por vales e areias à beira-mar e no deserto. Muita terra foi arada pelo querido Kamper e ele deixou nossas mãos cheias de dúvidas a serem plantadas. Esta tem sido nossa modesta tarefa, nestes últimos anos.

O Mito do Corpo

Da complexidade corpórea dos mitos, dos quais Kali é um dos inúmeros exemplos, podemos pegar impulso para dar um salto quântico e aportar no corpo contemporâneo, nosso corpo hoje, e fazer uma revisão semiótica.

Desde logo, percebemos o achatamento nas camadas visíveis da imagem projetada. As imagens arcaicas, imago primordial do corpo, são todas revestidas de profundezas recônditas, ambiguidades, complexidades, corpo-baú onde estão depositados os nossos fundamentos, nossas dobras, nossas rugas históricas. Muito diferente das imagens clonadas ao infinito e espalhadas nas mídias todas do presente: corpo sem marcas, sem tempo, sem idade; corpo uniforme; corpo universal; corpo pasteurizado; corpo não-animal.

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

“A purificação é a atividade primordial deste fim de século”, escreveu Jean Baudrillard (1997, p. 41). O que nos faz lembrar do vídeo-poema de Heiner Müller, *The Odour of Soap*⁵, onde ele diz, numa crítica à limpeza obsessiva e purificadora da Alemanha da época que “os chuveiros, made in Germany, podiam acordar os mortos”. Esses corpos-mortos poderiam ser os corpos-mortos dos mortos-vivos, não exatamente cadáveres. Corpos-mortos porque sem traços dos cheiros da vida, sem marcas do tempo, vestidos e preparados como os corpos nas liturgias fúnebres. Corpos purificados pela ação de um sem-número de loções corporais e produtos que lavam, hidratam, previnem o envelhecimento, alisam as rugas, retiram as manchas (escondendo as sombras do que se precisa apagar), passam a ferro qualquer desalinho. E, ao final, entregam aos olhos do mundo um corpo-cadáver, universal e estéril: vivendo o destino que lhe deu o poeta, de “cadáver adiado” (PESSOA, 1986, p. 223).

E o que dizer dos sentidos? O corpo humano acumula os ganhos evolutivos dos vertebrados, dos mamíferos e dos primatas: a posição vertical é um de seus ganhos mais recentes, liberando as mãos - o que trouxe um desenvolvimento neuronal surpreendente. Nos últimos 100 anos, entretanto, em grande parte do mundo, as novas tecnologias e novos modos de vida vão, gradativamente, sedando e tornando obsoletas as várias partes do corpo, que começam a esquecer suas especializações adquiridas através do tempo. Lembrando, com A. R. Luria, que as sensações

não constituem um processo passivo, são sempre acompanhadas de uma série de mudanças dos processos vegetativos, eletrofisiológicos e respiratórios e são refletores por natureza. É este fato que permite usar as mudanças refletoras que acompanham as sensações como indicador objetivo da manifestação destas.

É sabido que cada estímulo, que leva ao surgimento das sensações, provoca processos que surgem por via refletora como o estreitamento dos vasos, o surgimento do reflexo pele-galvânico (mudança da capacidade de resistência elétrica da pele), mudança das frequências da atividade elétrica do cérebro (antes de tudo, o surgimento da depressão do alfa-ritmo, a virada do olho em direção ao estímulo, a tensão dos músculos do pescoço, etc.) (LURIA, 1991, p. 25).

Assim, o que significará, num futuro próximo, para a nossa espécie, a sedação que nosso cotidiano contemporâneo nos submete, em que se exige cada vez mais um corpo parado, corpo obediente, de movimentos encurtados: mãos que já não amassam nem fazem

⁵ Poema escrito e apresentado por Heiner Müller no Cemitério Judeu, em 1993, para o filme “I Was Hamlet”, com direção de Dominik Barbier.



força, quase em estado de engessamento; pés e pernas que mal conhecem o chão, sempre calçados, sempre conduzidos por rodas, eternamente dependurados em cadeiras; pescoços que não se mexem; bocas adormecidas por comidas que muito pouco provocam algum despertar; ouvidos submetidos a ruídos ensurdecedores, sons castradores de musicalidade; olhos presos na mesmice das telas eletrônicas, que já não evocam tanto da curiosidade dos olhos primatas; narizes que não mais sabem cheirar coisa alguma, que evitam todos os odores; pele-isopor - sempre revestida, sem toque nem sensações e sem conhecer mais o sol, na contra ação dos protetores solares; costas que não mais se curvam ou se enrolam; quadris, que quase não mais conhecem o movimento ondulatório, murados pelas tarefas cotidianas.

O que isso acarretará ao corpo será a transformação do corpo presente em mito e trará o nascimento de um novo corpo: para além do bem e do mal, são camadas de fósseis que estão sendo gravados em nosso corpo presente e que, talvez, num futuro próximo, precisem de códigos especiais para serem interpretados pelos arqueólogos que queiram escrever a nossa história póstuma. Será que, pelo menos, deixaremos pistas?

O Corpo Virtual

À realidade biossocial do corpo, já acrescentamos hoje a qualidade do virtual. O corpo é mais do que sua biologia e suas inserções sociais; é ele também “cavalo” ou “aparelho” dos deuses – deuses aqui entendido como o desejo ou sonho do mundo, manifesto em suas diversas formas: a moda, a religião, o poder, o gênero, a arte, a economia, a política, a ciência, a mídia, a cultura, etc.

Isso não é novidade dos nossos tempos, já que o virtual esteve sempre presente em nossa trajetória de *homo sapiens*, desde os primórdios, através de nossas várias linguagens, das diversas representações do mundo e do próprio corpo, da arquitetura, das vestimentas, da cultura da caça e da colheita, das relações de parentesco, de nossos ritos e cultos, da dança, entre tantos outros.

Mas, sem dúvida, a era das tecnologias e das ferramentas tecnológicas, que já se tornaram apêndices do corpo, trouxeram à questão da virtualidade do corpo um aprofundamento e uma nova intensidade. Somos hoje mais conscientes de nossa realidade

V cult

o que custa o virtual?

virtual, talvez antes mais reservada às horas de culto e de celebrações públicas e privadas. O transe religioso, por exemplo, em que o corpo biológico cede lugar a uma manifestação divina, faz parte das culturas mais ancestrais. Há neste transe um conceito de divindade que toma as rédeas do corpo e o conduz, tornando, por sua vez, a consciência do “eu” uma virtualidade, a ser resgatada posteriormente pelo corpo biossocial, que foi alocado pelo divino.

O corpo virtual tem sempre existência no simbólico e está deslocado do tempo-espço do momento presente; e, apesar da quase instantaneidade dos aparelhos eletrônicos, há sempre o *gap* de um *delay* a nos separar do corpo de carne e osso.

Do ponto de vista do corpo virtual, palco das múltiplas representações de nossas várias culturas, que já se automatizou a tal ponto a pretender ter seus próprios desejos, o corpo biossocial já é uma nostalgia. Ver sem registrar, viver sem se conectar, pensar sem digitar, falar sem simultaneamente espiar nossas pequenas telas-vigias, comer sem pensar em calorias e carboidratos, assistir sem mediação, pensar fora dos hipertextos, ser apenas um gênero biológico, parir como os primatas, andar com os pés, fazer com as mãos, pensar com o fazer, acreditar-se bicho, acreditar na finitude do corpo biológico, seguir o tempo da vida real (tempo de dormir, tempo de despertar, tempo de colher e cozinhar o alimento, tempo da higiene física e emocional, tempo de cuidar, tempo de equilíbrio e do desequilíbrio, tempo de caminhar, tempo de envelhecer, tempo de celebrar, tempo de louvar, tempo de vertigem, entre tantos outros) – tudo isso já é uma deformação nostálgica do ponto de vista do corpo virtual, que se insinua por entre a gente, num novo Éden.

Assim, o corpo virtual não é um outro corpo, não é um estrangeiro olhando de fora o corpo biossocial; mas, antes, é um duplo do corpo que não se separa, unidade gemelar, pele grudada na pele na forma de um *patchwork*, em que já quase não distinguimos as fronteiras. Para sermos mais espertos do que a nossa criatura, que já ganha asas, temos que voar também pelo tempo-espço e promover transfusões contínuas entre nosso corpo biossocial e nosso corpo virtual, para que um não fique a cópia desbotada do outro. Precisamos encontrar os veios e as veias da intercomunicabilidade, no maior grau possível: trazer ossos e sangue ao corpo virtual e trazer flexibilidade, onipresença e onisciência ao corpo biossocial, talvez

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

reavivando e expandindo a própria consciência (sonho de todos os gurus, de todas as religiões e de todos os artistas).

A verdade é que o corpo biossocial anda meio apagado. Nascer e morrer já não são grandes coisas (não mais parimos nem morremos – somos levados às maternidades e às UTIS finais); amar já é muito perigoso, em todos os sentidos: arriscamos nossa saúde, temos que dividir nosso já escasso espaçotempo, há a ameaça de vida sendo roubada por entre as curvas do coração apaixonado; conhecer o outro e conhecer-se são quase um luxo, numa sociedade em que alteridade e identidade já perderam pedaços importantes de seus significados; dormir já pode ser pensado como um ato descartável, apenas para os fracos; adoecer, uma indignidade; comer, quase um pecado das sociedades obesas; e assim por diante. Falamos do ponto de vista de camadas das sociedades que se dizem “desenvolvidas” ou “em desenvolvimento”, lembrando sempre que convivemos no mesmo espaçotempo em que o excesso de informação e a escassez de informação são imagens especulares do excesso e escassez de comida, e de vários outros aspectos vitais.

A arte e a ciência tem tentado, com muito esforço, criar brechas no corpo biossocial, sacudindo-lhe a poeira que sedimentou sobre ele, na tentativa de buscar um novo viço – viço este que talvez nos fascine tanto no corpo virtual (sempre pronto a se atualizar em nossas telas luminosas na forma de cara boa, pele com brilho, corretores e *photoshops* de plantão). Precisamos de novos ventos que nos soprem a poeira e nos inspirem em novos voos.

Na arte, Tadeusz Kantor⁶ ilumina esse desejo de reformatar o corpo, na maneira como rompe as fronteiras entre as modalidades artísticas e fecunda um novo caminho de ideias, de cenografia, de partituras teatrais, de artes cênicas, de artes plásticas, de transformação de vida e arte a partir da contaminação que sonhamos como um caminho de realização cotidiana para o destino do homem. Kantor consegue a façanha de criar, dentro do seu tempo de vida, um tempo novo que não cessará de gerar possibilidades futuras. Mestre da criação, diz ele; “É a factualidade da vida cotidiana que mata nossa habilidade de imaginar o passado”⁷. (MIKLASZEWSKI, 2005, p. 36). Ele não está olhando para o passado como nostalgia proustiana, mas o tempo para ele tem a dimensão do virtual em si: são todos os tempos no

⁶ Artista de ação multimídia, polonês, cujos 100 anos de nascimento estão sendo, nesta data, celebrados em São Paulo, na exposição Máquina Tadeusz Kantor, no SESC Consolação.

⁷ Minha tradução.

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

passado, no presente e no futuro, agora e sempre. E Kantor arremata: “Um assunto muito mais importante do que a própria arte é a dimensão cultural da própria vida” (idem:83). Essa hierarquia de valores entre arte e vida, ele somente aponta porque está falando ainda de uma Polônia recém ocupada, devastada em sua identidade, ainda em recuperação; pois, na verdade, ele mesmo tratou vida e arte com a mesma dignidade e disciplina, fazendo com que o mesmo ar criativo circulasse por entre as duas.

Na ciência, dois exemplos a comprovar a possibilidade criativa de como podemos intercambiar vida e informação por entre nossos corpos biossociais e virtuais: na maneira *on-line*, digna e heroica, criativa e inspiradora de humanidade, com que, cada um em seu tempo e décadas entre eles, Timothy Leary e Oliver Sacks enfrentaram a experiência de suas próprias mortes.

Timothy Leary nasceu em 1920 e morreu em 31 de maio de 1996⁸. Professor em Harvard, psicólogo, escritor, Leary foi uma figura das mais importantes da contracultura dos anos 60, tendo vivido seus últimos anos na Califórnia. Em Janeiro de 1995, Leary recebeu a notícia de um câncer terminal e decidiu encarar a morte do seu jeito: criando seu próprio roteiro. Nos meses que antecederam sua morte, seu site (www.leary.com) um projeto de design muito bem cuidado, recebia os primeiros internautas de uma recém-inaugurada internet, e eram peregrinos do mundo todo. As pessoas podiam entrar em sua casa virtual e acompanhar a rotina de Leary: as drogas médicas e recreativas que tomava, como se sentia, o que estava ouvindo ou lendo, enfim, foi morrendo acompanhado, online, na web: e isso foi algo original e pioneiro. Mal começava a história das redes como uso privado, do cidadão – e Leary já viu o potencial comunicativo em que seu corpo finito poderia ser lavado, neste novo rito fúnebre das redes.

Mais recentemente, o neurologista Oliver Sacks, integrante obrigatório da bibliografia de nossa escola de Semiótica da Cultura, também divulgou pela mídia e pelas redes de relacionamento a notícia recebida de seus médicos em 15 de janeiro de 2015, anunciando uma sobrevida de 6 meses, pela presença de um câncer devastador. Isso aconteceu após poucas semanas em que ele havia entregue à sua editora os originais finais de sua autobiografia *On*

⁸ Sobre sua experiência perante a morte, Timothy Leary escreveu, em seus últimos dias, o livro *Design for Dying* (HarperCollins, 1997)

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

The Move, A Life. Oliver Sacks passou os últimos meses escrevendo seus artigos no New York Times⁹ e compartilhando seus sentimentos, sua terapia, a cirurgia por que precisou passar, e suas últimas reflexões de homem lúcido que morria exatamente como havia vivido: na intensidade do momento presente. Faleceu em 30 de agosto de 2015 e segundo sua página oficial na web, a Oliver Sacks Foundation, a notícia de sua morte foi acompanhada e compartilhada na web por pessoas no mundo todo.

São dois exemplos de seres notáveis, que conectaram o corpo biossocial e o virtual de uma maneira nova, de modo integrado, includente e não excludente para usarmos uma terminologia kamperiana, contribuindo, assim, para um melhor entendimento de ambas as realidades humanas, que hoje nos constituem. Nem sonho dos deuses feito só de carne, nem sonho dos homens feito só de *bits*. Já somos uma mistura, somos só complexidades, somas semióticas: filhos do caos, é o que somos, felizmente.

Os Sonhos do Corpo

Na palestra de 11 de setembro de 1997, na PUC-SP, “Os Sonhos, A Vida”¹⁰, Dietmar Kamper começa falando de uma lacuna que ele havia deixado no ano anterior de sua visita a São Paulo e que ele queria agora revisitar. A lacuna a que ele se referia era justamente sobre a questão dos sonhos, sobre o trabalho do sonho e do despertar¹¹.

No final desta mesma palestra, Kamper escolhe, para a reflexão final, um dos últimos textos escritos pelo dramaturgo alemão Heiner Müller, que ele conhecia e com quem, às vezes, se encontrava e trocava ideias. O texto de Heiner Müller é um de seus terríveis sonhos, um sonho de morte (e no caso, realmente premonitório, a 6 meses de sua própria morte). O sonho de um homem sufocado, num beco sem saída, com um cesto às costas onde carrega a filha, e não há nenhuma possibilidade de escapar ou receber ajuda. O único olhar para trás é

⁹ Segundo anúncio publicado pela *Oliver Sacks Foundation* no dia 25 de outubro último, já está sendo organizada a publicação póstuma destes artigos, sob o título de *Gratitude*, livro a ser publicado no mundo todo, a partir de 24 de novembro deste ano.

¹⁰ Palestra gravada pela autora.

¹¹ Percebo hoje, nesta distância esclarecedora do tempo, como essa sua visita encaminhou e contaminou minha própria pesquisa, resultando em 2001 na apresentação de minha tese de doutorado “Os Sonhos do Corpo: A Comunicação Biocultural do Corpo”, com a presença de Dietmar Kamper em minha banca de defesa, o que muito me honrou.

VCOMcult

o que custa o virtual?

para ver um outro homem que convulsiona e morre numa sacada. A única saída é na explosão do próprio coração, é no enfarte, diz Kamper. O texto é realmente denso e dramático, um sonho temível; ao final do relato, Dietmar Kamper diz que espera, no dia seguinte, em nova palestra a ser realizada na mesma PUC-SP, encontrar um pouco de esperança.

E foi nesta busca de esperança que todo o meu caminho de pesquisa se encaminhou a partir dali. Meus estudos desembocaram na criação artística e na pesquisa em que o próprio corpo é quem faz a reflexão sobre o corpo. Pensamento do corpo, no corpo, para o corpo. Um corpo não dividido em hierarquias; um corpo não domado pela lógica europeia; corpo de possibilidades abertas, falando tupi e dançando em yorubá. Também revisitando o oriente, a antiguidade do ocidente – enfim, querendo falar todas as línguas, pelo menos, imantar-se um pouco de todas elas. Corpo livre dos tabus da academia, corpo que faz, teimoso, seus próprios caminhos, sempre renovados. Corpo que se lança, sem amarras, no abismo e recomeça a subida na manhã seguinte. Corpo de luz e sombras, cuja reflexão pode nascer num sonho noturno ou num delírio da vigília. Ou num texto da ciência ou da literatura: tudo é *leitmotif* para as descobertas do corpo.

Este é o cotidiano de nosso grupo, Tutu-Marambá, Pesquisas das Artes do Corpo¹². Fundado em 2008, reunimos toda semana para dançarmos a vida. Trabalhamos ao lado de textos de dramaturgia e de reflexões teóricas, mas não partimos deles como pressupostos. Nossa estrutura é feita e desfeita a cada encontro: nunca partimos do que já conhecemos, do que já está pensado. Um trabalho que se estende nas redes e busca uma interatividade com o presente (www.tutumaramba.com.br; www.facebook.com/grupotutumaramba; facebook: *Corpos Em Rede* <https://www.facebook.com/groups/166322363471255/>). Trabalhamos a comunicação virtual pelas redes e trocamos referências e reflexões com vários grupos e artistas; e nos encontros presenciais do grupo é o corpo de carne e sonhos mesmo que entra em cena – e transpira, e dança, e deseja, e se afina no tom de cada dia.

¹² Alguns dos trabalhos apresentados pelo grupo (já são ao todo 24 trabalhos cênicos, entre performances e instalações): 2014: *Contos do Bambu*. E do Kháos, Robusto, *A Efêmera Harmonia É Recriada*. Tributo às Vítimas de Hiroshima e Nagasaki. 2014: *Wir Sind Wir*. 2013: *Por Quem Os Sinos Dobram*. 2013: *Dobrados Para O Manto*. 2012: *Ecos Tenebrosos*. 2012: *Uma Trança Entre Poros e Bits*. 2012: *At Low Lives Occupy!*: *A Arte É Um Vírus*. 2011: *prismas de Alhazen: Das Representações do Corpo ao Corpo Representado*. 2011: *online performance: Viva Tutu!*



Assim, é com muita alegria que relato aqui, hoje, sobre a forma como dei encaminhamento nessa responsabilidade adquirida a partir de encontros memoráveis que, como presente dos deuses, tive a oportunidade de ter compartilhado o caminho. São pensadores inspiradores com quem convivi nesse caminho fértil dos estudos do corpo, como meu orientador Norval Baitello Junior, o querido e saudoso Vicente Romano, Harry Pross, Bystrina, José Ângelo Gaiarsa, o somaterapeuta Roberto Freire, Roberto Gambini, José Carlos de Campos Sobrinho, e o especial homenageado do dia de hoje, Dietmar Kamper, que, como Oxóssi, o caçador certeiro, nunca precisou de mais do que uma flecha para acertar seu alvo. É também por ele que continuaremos no mergulho e na esperança do voo.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 1997.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1967.
- CAMPELO, Cleide Riva. **Os Sonhos do Corpo: A Comunicação Biocultural do Corpo**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2001.
- HIXON, Lex. **Great Swan: Meetings With Ramakrishna**. New York: Larson Publications, 1997.
- JUNG, C. G. **Civilização em Transição**. Tradução Lucia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. 2a. edição. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- MIKLASZEWSKI, Krzysztof. **Encounters with Tadeusz Kantor**. Translated by George Hyde. London, New York: Routledge, 2005.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SACKS, Oliver. **On The Move. A Life**. New York, Toronto: Alfred A. Knopf: 2015.
- I Was Hamlet**. Direção de Dominik Barbier, vídeo, 1993, Alemanha, C.I.C.V., Arcanal, Fearless.